

DA SENZALA AO QUILOMBO: O SANGUE NEGRO NA RESISTÊNCIA DE PALMARES

[Artigo Científico]

Vitória Bezerra dos Santos Queiroz

Jéssica Fernanda da Silva

Submissão: 25/09/2024

Aprovação: 17/11/2024

* SOBRE O AUTOR/A/OS/AS:

- **Vitória Bezerra dos Santos Queiroz**

Graduada em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Especialista em metodologia do Ensino de História pela Faculdade Iguaçu. Suas áreas de interesses em pesquisas acadêmicas são: Ensino de História, Novo Ensino Médio, Educação Inclusiva e Ensino da História afro-brasileira.

- **Jéssica Fernanda da Silva**

Graduada em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Especialista em metodologia do Ensino de História pela Faculdade do Iguaçu. Possui as seguintes áreas como principais interesses de pesquisa: ensino de história, história da educação e história afro-brasileira.



DA SENZALA AO QUILOMBO: O SANGUE NEGRO NA RESISTÊNCIA DE PALMARES

FROM SENZALA TO QUILOMBO: THE BLACK BLOOD IN THE RESISTANCE OF PALMARES

Vitória Bezerra dos Santos Queiroz;
Jéssica Fernanda da Silva

RESUMO:

A presente pesquisa tem por objetivo averiguar a importância do Quilombo dos Palmares para a resistência negra durante o período colonial, além de buscar entender sobre sua organização e desenvolvimento, pontos que podem ter sido fundamentais para possibilitar seu crescimento. Para tanto, foi utilizado a pesquisa bibliográfica, fazendo uso de obras que apoiam as ideias presentes ao longo da pesquisa. O trabalho busca pontuar também que hoje o Quilombo dos Palmares é um dos símbolos importantes da obstinação negra, elevando a luta por equidade e justiça das pessoas negras dentro de nossa sociedade. Ao final da pesquisa, foi possível concluir que Palmares teve sua importância no período colonial como refúgio para os negros que buscavam um lugar onde fosse possível viver livre. É interessante salientar também, que a pesquisa trouxe a reflexão de que a perseguição a Palmares não se dava apenas pelo ódio à população negra, mas que ela teria seu valor econômico devido às terras que ocupava.

Palavras-chave: Quilombo dos Palmares; escravidão; obstinação.

ABSTRACT:

The present research aims to investigate the importance of Quilombo dos Palmares for black resistance during the colonial period, in addition to seeking to understand its organization and development, points that may have been fundamental in enabling its growth. To this end, bibliographical research was used, making use of works that support the ideas present throughout the research. The work also seeks to highlight that today Quilombo dos Palmares is one of the important symbols of black obstinacy, elevating the fight for equity and justice for black people within our society. At the end of the research, it was possible to conclude that Palmares had its importance in the colonial period, as a refuge for black people who were looking for a place where they could live freely. It is also interesting to highlight that the research also brought to light that the persecution of Palmares was not just due to hatred of the

black population, but that it had its economic value due to the land it occupied.

Key-words: Quilombo dos Palmares; slavery; obstinacy.

INTRODUÇÃO

O Quilombo dos Palmares é até hoje um símbolo significativo da resistência negra. Os registros mais antigos, como cartas e documentos datados do período colonial, deixam evidências incontestáveis de que a resistência logo se mostrou presente naquela América que se formava. Esse quilombo, assim como tantos outros espalhados pelas Américas, deixaria marcado que a escravidão não seria aceita pelos negros, que por meio da obstinação demonstravam a força e organização. Esses foram os primeiros passos da agência negra na busca pela libertação.

Entender o papel do negro na história do Brasil é compreender as nuances controversas na construção desse país e, indo além, é captar a entrada dos negros nessa história e como eles, apesar de cativos em uma terra distante, conseguiram lutar, mesmo tendo o poder da Coroa contra eles. Essa pesquisa pretende entender como funcionava essa resistência, qual o papel de Palmares, além de buscar compreender seu funcionamento e os muitos ataques que sofreu até sua destruição. No primeiro tópico entenderemos um pouco sobre a necessidade de resistir diante do tratamento violento dispensado para essas pessoas, no qual perceberemos como eram descritos esses negros a partir do olhar do opressor que o queria cativo. No segundo tópico, buscaremos compreender o motivo desse quilombo ser considerado uma ameaça ao poder vigente. No terceiro tópico veremos como se organizava Palmares em relação a atividades econômicas que sustentavam e faziam crescer aquele lugar. No quarto tópico, é feita uma síntese sobre as expedições que ocorreram com finalidade de destruir Palmares, tendo como ponto central a que levou à sua destruição.

Para efetivação dessa pesquisa será utilizada como fonte principal o livro “As guerras nos Palmares: subsídios para a sua história” do autor Ernesto Ennes (1938), e dentre as bibliografias sobre a temática, demos ênfase às produções de Edison Carneiro (1958) e Flávio Gomes (2005), problematizando os lugares e discursos encontrados como forma de aprofundar um pouco o entendimento sobre o que significava o quilombo para o negro que necessitava resistir. Dessa forma, esse artigo irá debruçar-se sobre a questão de Palmares, abordando sua organização, e visualizando ainda como um dos símbolos de resistência na luta contra a escravidão. Discutiremos qual a importância do Quilombo de Palmares para a luta contra a escravidão durante o período colonial, e como ele representa hoje um símbolo na luta pela igualdade de direitos e contra o racismo.

A NECESSIDADE DE RESISTIR

Considerado símbolo da resistência negra contra a escravidão no Brasil, o Quilombo de Palmares teve seus primeiros registros em 1597, quando “[...] temos a primeira referência documentada sobre a existência de mocambos nas serras da capitania pernambucana. [...] mencionados como “primeiros inimigos” e que estavam em “algumas serras, donde vêm a fazer [assaltos] e dar muito trabalho.” (GOMES, 2005, p. 48). Sendo essa região conhecida como Serra da Barriga, é ideal para refúgio por se localizar cercada de montanhas e florestas. Fugir era uma opção encontrada pelos escravizados:

Nos primeiros anos do século XVII, reclamações davam conta de que na capitania de Pernambuco um número cada vez maior de cativos abandonava engenhos e plantações. Agora não era mais apenas um ou outro que escapava. As fugas eram coletivas. Tanto podia ser à noite quanto durante o dia. Fugiam homens, crianças e mulheres – estas últimas até mesmo carregando seus filhos recém-nascidos no colo. Uma direção podia ser Palmares. (GOMES, 2005, p.50)

Devido à sua localização, não era fácil aproximar-se dos mocambos, até mesmo encontrá-los, e quando chegava a acontecer, diversas vezes encontrava-se o local vazio, pois os palmaristas sabiam como desaparecer sem deixar vestígios. Dessa forma, foram feitas várias tentativas frustradas de controle para evitar fugas e de invasão nos mocambos, e também tentativas de acordos de paz, dentre as táticas utilizadas “[...] o poder colonial planejou a utilização de índios nas expedições punitivas, com objetivos variados.” (GOMES, 2005, p.58). Seguindo o objetivo de destruir Palmares, os portugueses contrataram Domingos Jorge Velho, que foi um dos bandeirantes mais ativos em perseguir indígenas e negros, para liderar as expedições. Após tentativas, finalmente conseguem, em fevereiro de 1694 invadir e destruir Palmares. Zumbi, por sua vez, consegue fugir, mas logo no ano seguinte é morto e teve sua cabeça exposta, no intuito de mostrar para aqueles que o seguiam que seu líder não era imortal. O que fica claro dentro da luta dos negros contra a vida de escravizado, é que existia a resistência, e ela manifestava-se de diversas formas de acordo com contexto que o indivíduo estava inserido:

Onde houve escravidão houve resistência, e, vale mencionar, de vários tipos. Mesmo sob a ameaça do chicote, o negro escravizado negociava espaços de autonomia com os senhores ou boicotava a produção, quebrava propositadamente as ferramentas, incendiava as plantações, agredia senhores e feitores ou rebelava-se, individual e coletivamente. A lista é grande e conhecida. (FONSÊCA, SILVA, 2020, p. 238).

Palmares foi símbolo de uma luta que se fez necessária para sobrevivência

dos negros na colônia, “Quando se ouvem os nomes de Palmares e de Zumbi, logo lembramos da saga daqueles que lutaram pela liberdade, em plena época da escravidão, nos tempos coloniais.”(FUNARI, 2005, p. 7). No momento em que negros eram açoitados até a morte, não tinham muitas escolhas a seguir, resistir era preciso. Então, a fuga, a caminhada pelas matas densas e a organização dos quilombos era resistência na mais férvida essência. Os escravizados eram apenas números para os brancos que os compravam. Para eles, aqueles homens, mulheres e crianças não possuíam história. Porém, os negros tinham suas próprias construções, vivências e organizações, e isso não poderia ser tirado deles. Edison Carneiro, em sua obra “O Quilombo dos Palmares”, diz que:

O movimento de fuga era, em si mesmo, uma negação da sociedade oficial, que oprimia os negros escravos, eliminando a sua língua, a sua religião, os seus estilos de vida. O quilombo, por sua vez, era uma reafirmação da cultura e do estilo de vida africanos. O tipo de organização social criado pelos quilombolas estava tão próximo do tipo de organização então dominante nos Estados africanos que, ainda que não houvesse outras razões, se pode dizer, com certa dose de segurança, que os negros por ele responsáveis eram em grande parte recém-vindos da África, e não negros *crioulos*, nascidos e criados no Brasil. Os quilombos, deste modo, foram - para usar a expressão agora corrente em etnologia - um fenômeno *contra-aculturativo*, de rebeldia contra os padrões de vida impostos pela sociedade oficial e de restauração dos valores antigos. (CARNEIRO, 1958, p. 13- 14)

O autor traz também a perspectiva de que junto à conquista holandesa no Pernambuco, cresceu e organizou-se o quilombo dos Palmares, com certa frouxidão: “O quilombo, que não passava de um pequeno habitáculo de negros fugidos, cresceu extraordinariamente com a conquista holandesa, exatamente porque a guerra desorganizara a sociedade e, portanto, a vigilância dos senhores.” (CARNEIRO, 1958, p. 15). Podemos observar pelos documentos oficiais e cartas que se tem sobre os quilombos e, principalmente, sobre Palmares, o objeto do nosso estudo, a frequência com que os negros são mencionados como pessoas rudes e que precisam ser paradas, que saqueiam e matam por onde passam, porém também podemos observar nesses documentos alguns traços do tratamento destinado aos negros:

E porque pode parecer rigoroso o castigo de enforcar um negro tanto que fugir para o Palmar, respondo como quem sabe do Brasil, que os negros o em q- se fujão mais para obrarem maldades, e dizerem que seus senhores, o que lhes podem fazer, e açoita-los, mas que matá-los não, porque os brancos não querem perder o seu dinheiro, e que com a morte de poucos se asseguram os escravos de todos isto com segura consciência se deve guardar. Pois vemos que nas Índias de Castella, se enforcam os negros que se acham fugidos; e na Europa todo o soldado que foge do exército, só afim de conservar nele os mais, o que com os negros se há de observar com maior razão, porque os que fogem não só dão mal exemplo aos outros, mas os vem persuadir, a que fujão, e se voluntariamente o não fazem os levam a força.(AS GUERRAS..., 1938, p. 162).

É possível ir de encontro com essas fontes que estão acessíveis e não questionar o conteúdo das mesmas? A história mais uma vez sendo repetida pela voz de quem reprimiu, escravizou e dizimou milhares de vidas. A possibilidade desse questionamento surge a partir do momento que se escreve a história não apenas sob a perspectiva do dominante, mas uma história vista de baixo a partir dos menores encontrados nas fontes que temos à disposição.

Então, a partir das fontes, podemos verificar como diziam ser as atitudes dos negros que fugiam:

Dom Pedro de Almeida, governador da Capitania de Pernambuco e das mais anexas por Sua Alteza que Deus guarde, porquanto considerei o grande aperto em que vivem os moradores destas capitanias principalmente os do Porto Calvo e Alagoas oprimidos com a insolência dos negros levantados dos Palmares de quem recebem roubos e desacatos contínuos sem aver quem lhes possa atalhar a maldade com que o fazem, me pareceu mandar lhes fazer entrada com assistência no Arraial de donde as tropas se hão de expedir. (O QUILOMBO, 1958, p. 234).

Se pensarmos na necessidade de sobrevivência que está intrínseca à existência de todo ser humano, e analisando o que está descrito na fonte acima, entendemos o porquê da importância de resistir para essas pessoas. Em meio a uma repressão crua e sem limites, temos a história tomada por aqueles que tratavam os negros como mercadoria e os usavam como objeto. Do corpo negro, apenas valia o trabalho. Para a Europa colonizadora e em processo de mudança em suas diretrizes econômicas, mais valia o trabalho com algum ganho. Porém, esse capitalismo que estava nascendo necessitava do mal da escravidão, como contempla Fernando Novais:

Tratava-se, porém, naquele momento na história do Ocidente, de *colonizar para o capitalismo*, isto é, segundo mecanismos do sistema colonial, e isto impunha o trabalho compulsório. A colonização da época mercantilista conforma-se ao sentido profundo inscrito nos impulsos da expansão, ou seja, é o elemento mercantilista, --- que dizer, mercantil escravista --- que comando todo movimento colonizador. (NOVAIS, 1989, p. 102)

O mais intenso desejo do poder levou homens a reduzirem outros homens a meros objetos, de onde já não se esperava grande proveito além da mão de obra. A vida negra foi reduzida a força de trabalho. Buscar entender a profundidade disso nos capacita a entender o porquê da necessidade de controle e de contenção dessas vidas. As fontes sobre esse assunto nos mostram a ideia da imposição de fúria e força de um lado sobre o outro. O olhar sobre cada detalhe apenas confirma a necessidade de resistir dessas pessoas, e, com isso, a força necessária para lutar.

PALMARES, UMA AMEAÇA?

Ao decorrer do estudo, entendemos que Palmares representou uma força assombrosa para quem teria que lutar contra ela. Existia um medo pelo tamanho crescimento daquela comunidade, Flávio Gomes coloca que:

Palmares foi um mundo de faces africanas reinventado no Brasil pelos palmaristas – africanos de grupos de procedências étnicas diversas, além daqueles nascidos lá –, os quais forjaram espaços sociais próprios e originais. Recriaram culturas, religiões e organizaram-se militarmente para combater invasores. Estabeleceram igualmente práticas econômicas para garantir a sobrevivência. Foi criação deste mundo (como possibilidade) que assustou sobremaneira a Coroa portuguesa. Ao findar o primeiro quartel do século XVII, os habitantes de Palmares já eram milhares. Não somente a fuga fazia crescer aqueles mocambos. As primeiras gerações de palmaristas começavam a nascer. (GOMES, 2005, p. 73).

Então, por meio desse relato, conseguimos visualizar o que, para a Coroa significaria a possibilidade de enfraquecimento da sua força para manter a ordem, principalmente sobre os negros que viviam ali. Palmares representava resistência frente ao poder dos ‘donos’ da colônia, e isso poderia enfraquecê-los, e de certa forma a população que era circunvizinha do quilombo estava tendo que conviver e ver aquele tipo de levante, e, muitas vezes sofriam diretamente ataques dos negros resistentes como explicita em carta ao rei, o governador de Pernambuco João Sotto Mayor: “(...) porque todas as horas me fazem queixas das tiranias que lhe estão fazendo, dando-lhe assaltos, matando brancos, levando-lhe escravos e saqueando suas casas (...)”. (AS GUERRAS..., 1938, p. 38),

No “Dicionário das batalhas brasileiras: dos conflitos indígenas as guerrilhas urbanas e rurais”, Hernâni Donato explica de forma clara em um trecho o que Palmares significaria para a Coroa: “Na história dos quilombos, Palmares merece capítulo particular. Foi mais do que um quilombo, foi quase nação; não perturbou apenas a ordem e a economia escravocrata, mas a unidade e a estabilidade do império português-americano.” (1987, p. 101). O valor da destruição de Palmares seria tamanho, pois seu fim poderia significar uma vitória do poder da Coroa contra o levante de qualquer um que ousasse vislumbrar a vida longe das correntes da escravidão. Para o poder vigente, seria uma forma de efetivar sua força e aniquilar a ideia de liberdade.

Flávio Gomes discorre em seu livro “Palmares”, que em 1670 as autoridades da época já teriam chegado à conclusão que o levante de militares sobre Palmares não resolveria o que para eles era um problema: “[...] no máximo conseguiriam mantê-los acuados.” (GOMES, 2005, p. 123). Devemos entender que o ataque a Palmares acontece desde a sua formação inicial, o quilombo não começou a enfraquecer da noite para o dia, mas depois de diversos ataques organiza-

dos, pois aquela comunidade representava a força negra frente a escravização e humilhação que seus moradores poderiam sofrer se não levantassem ali tamanha resistência, toda essa força fazia de Palmares uma clara ameaça.

Em 1685, um pedido de paz que teria sido feito pelos moradores de Palmares ao então governador Dom João de Souza, que foi reforçado como possibilidade de aceitação pelo sucessor de Dom João de Souza, governador João da Cunha Sotto Mayor, pois devido a alta de recursos causado pelo açúcar, existia ali uma impossibilidade de que as pessoas contribuíssem com aquela guerra:

“[...]Je hoje se lhes junta o terrível, ano que experimentarão na falta de seus açúcares, com que não é possível pode-los obrigar a alguma contribuição; e por todas estas razões, me será forçoso pedindo me este palmar pazes aceitar, fazendo todos os partidos convenientes ao serviço de V. Mage; e bem destes Povos[...]. (AS GUERRAS..., 1938, p. 142).

Existia um conflito constante, quase sempre justificado pelo fato de que as pazes que os negros pediam, eles mesmos rompiam, ao praticar ações que fossem contra o que fora combinado em outrora, o que justificaria os ataques constantes sofridos pelo quilombo. No livro “História e cultura afro-brasileira”, Regiane Mattos confirma que esse crescimento e fortalecimento dos quilombos tornou-se algo muito incômodo em várias esferas:

À medida que os mocambos iam surgindo, cada vez em maior número e em diferentes locais, a repressão aumentava, sendo feita por iniciativa dos proprietários, que colocavam os capitães do mato em busca dos fugitivos ou contratavam agregados para capturá-los, ou por iniciativa governamental, com expedições militares e leis mais severas. (MATTOS, 2012, p. 137).

O incômodo perdurou até o ataque de Domingos Jorge Velho, que acabou por destruir Palmares, porém, ela se tornou um símbolo estudado até hoje, e uma forma de reconhecermos a que situação era submetida essas pessoas, que buscaram bravamente resistir, que esses quilombos, como o de Palmares, foram o refúgio de muitos, para escapar de um sofrimento ao qual foram submetidos sem qualquer poder de escolha.

ATIVIDADES ECONÔMICAS DESENVOLVIDAS EM PALMARES

As serras da então capitania de Pernambuco eram os locais propícios para a formação dos mocambos, e, posteriormente, do mais célebre quilombo do Brasil, que foi o Quilombo dos Palmares. Tendo em vista que, a fuga e formação dos quilombos, era uma reação do homem negro contra a escravidão, e uma busca e luta pela liberdade. Por isso, a região da serra da barriga, sendo repletas de mon-

tanhas, colinas, rochedos e florestas, serviram como um refúgio completo, pois tinha que ser um lugar de difícil acesso, o que foi obtido com êxito, pois quando haviam tentativas de penetrarem, foram por muitas vezes frustradas, eram expedições que levavam dias, sendo castigados com fome e sede, e ainda podiam encontrar pelo caminho armadilhas que chegavam a ser fatal. Além disso, tinha que ser também, um lugar onde os palmaristas pudessem crescer, e se fortaleceram, ou seja, que pudessem desenvolver a sua vida, e mais uma vez, o lugar era o ideal, de forma que, como nos diz, Edison Carneiro “Das matas, os negros tiravam o seu sustento” (CARNEIRO, 1958, p. 47).

Os palmaristas encontraram os elementos que eram essenciais para sobreviverem e se desenvolverem, dentre eles, muitas árvores frutíferas e outras destinadas ao uso industrial. As palmeiras, que eram repletas na região e que deu nome ao quilombo, tinha muitos usos, delas se faziam, “[...] vinho, azeite, sal, roupas; as folhas servem às casas de cobertura; os ramos de esteios, os frutos de sustento; e da contextura com que as pencas se cobrem no tronco se fazem cordas para todo gênero de ligaduras e amarras; [...]” (AS GUERRAS..., 1938, p. 201). Era uma área fértil e propícia para plantações e criação de animais, por isso, “Umas das principais atividades dos negros palmarinos era a agricultura” (CARNEIRO, 1958, p. 60). Os palmaristas,

São grandemente trabalhadores, plantam todos os legumes da terra, de cujos frutos formam providamente celeiros para os tempos de guerra e de inverno. O seu principal sustento é o milho grosso, dele fazem várias iguarias; as caças os ajudam muito, porque são aqueles matos abundantes delas. (AS GUERRAS..., 1938, p. 203)

Existia também, uma divisão das tarefas entre os negros, de acordo com as habilidades que já possuíam, como:

Os que vinham da lavoura plantavam canaviais, roças de milho, pacovais. Os que vinham das cidades, e conheciam ofícios mecânicos, se instalavam com tendas de ferreiro. Outros empenhavam-se na caça, na pesca, na criação de galinhas, na fabricação de cestos, chapéus, abanos, potes e vasilhas. (CARNEIRO, 1958, p. 29)

Contudo, a agricultura não foi a única fonte de economia dos quilombolas. Existia também uma comercialização de seus produtos com os povos vizinhos, como Carneiro vai denominar de um “simples escambo” (1958, p. 30). Quando “Trocavam produtos da terra, objetos de cerâmica, peixes e animais de caça, por produtos manufaturados, armas de fogo, roupas, ferramentas industriais e agrícolas” (CARNEIRO, 1958, p. 30). Vemos com isso, que existiriam diversos fatores que o local propiciava a uma boa vivência para os negros se refugiarem, e para um bom funcionamento, como as práticas de agricultura, as trocas de produtos,

criação de animais, além de seu difícil acesso, de forma que a junção desse conjunto, tornou a região ideal.

EXPEDIÇÕES E CONFLITOS

Analisando as expedições e conflitos que ocorreram em Palmares, e como já foi citado anteriormente, houveram inúmeros e por muito tempo foram frustrados. Dessa forma, não pretendemos explanar todas as expedições em uma ordem cronológica, contando seus detalhes, assim iremos analisar de maneira geral, como se deram, e por fim, as de maior sucesso, provocando a destruição de palmares.

Como cita Edison Carneiro “A invasão holandesa afrouxara a disciplina de ferro da escravidão” (1958, p. 29). Pois, até então, os senhores de engenhos conseguiram ter maior controle dos negros, e com a invasão holandesa, passaram seu foco a isso, possibilitando que muitos negros fugissem e, crescessem cada vez mais Palmares. Tanto que, em uma cópia de uma carta escrita sobre os negros de palmares em 25 de junho de 1687, é relatando um fato, comparando esses acontecimentos, quando diz “[...] o nosso exército que pode domar o orgulho de Holanda naquele e tempo, já formidável a todo mundo, nenhum efeito tem conseguido; contra estes bárbaros em várias e repetidas entradas que fez aos Palmares.” (AS GUERRAS..., 1938, p. 160) Mais uma vez, mostrando que por muito tempo foram expedições sem sucesso. Contudo, para o governador da capitania e os senhores havia uma explicação,

A razão desta diferença é que na guerra dos Holandeses era a vitória do valor, nesta do sofrimento: lâ peleiasse contra homens, cá contra a fome do sertão contra o inacessível dos montes, o impenetrável dos Bosques e contra brutos, que os habitam. (AS GUERRAS..., 1938, p. 160).

Além disso, era reconhecido que, para os negros “não lhes faltava destreza nas armas, nem no coração ousadia” para lutar e revidar contra esses ataques. Por sua vez, o poder colonial planejava cada vez mais diferentes expedições, usando novas táticas, para de uma vez, conseguir extinguir palmares, visando isso, o governador da capitania, mandou chamar Fernão Carrilho, que era conhecido por sua experiência, e começaram a obter sucesso, pois pela primeira vez:

[...]o que antes parecia impossível, assim pela densidade dos matos, como pelo empinado dos oiteiros; e finalmente obrou de sorte com seu valor, e disposição, e matou, e aprisionou tanto número de negros, que entre eles cobrou fama de feiticeiro parecendo que excede as forças humanas[...].(CARNEIRO, 1958, p. 53)

Porém, ainda assim não foi suficiente, pois os negros resistem. Ganga zum-

ba se torna então líder dos palmares e após algum tempo, em 1678, assina um acordo de paz com o então governador Aires de Souza e Castro, porém, este mesmo acordo causou desavença, que levou a morte de Ganga Zumba e a ascensão de seu primo Zumbi, como líder do quilombo dos Palmares. Algum tempo depois, em 1687, Domingos Jorge Velho, um bandeirante paulista, foi chamado para acabar de vez com a ameaça de Palmares. Todavia, ainda houve resistência aos ataques, e somente em 1692, devido a várias incursões que já tinham sido efetuadas, enfraquecendo assim o quilombo e seus vários mocambos, Zumbi fugiu, sendo preso e morto em 1695:

“[...] que enviando-lhes a cabeça do Zumbi, determinará se pusesse em um pau, no lugar mais público daquela praça, a satisfazem os ofendidos e justamente queixosos, e atemorizar os negros que supersticiosamente julgavam este mortal; pelo que se entendia que nesta empresa se acabara de todo com os Palmares[...]” (AS GUERRAS..., 1938, p. 260-261).

As muitas expedições que ocorreram contra Palmares, desde seu surgimento, demonstram que era fato o incômodo que causava o surgimento, crescimento e fortalecimento da resistência negra. Para o poder vigente, era importante combater para que não se alastrem aquelas ideias. Mesmo assim, não se pode negar a força que representou naquele período:

Para a América portuguesa, Palmares representou a maior rebelião e a manifestação mais emblemática dos quilombos coloniais. Resistiu por cerca de cem anos às expedições repressivas, promoveu assaltos aos engenhos e povoações coloniais e estimulou fugas em massa de escravizados na capitania. O ano de 1695 é marcado como um período de destruição do famoso quilombo, que tanto temor espalhou entre os colonizadores. (FONSÊCA, SILVA, 2020, p. 241).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como questiona Pedro Paulo Funari (2005, p. 7) “A morte de Zumbi poria fim à luta. Estaria afinal destruído o grande reino negro dos Palmares?”. O quilombo dos Palmares foi uma marca da resistência negra na história. Por isso, na tentativa de buscar um entendimento sobre a importância desse quilombo na luta contra escravidão, nos adentramos na história da necessidade de resistir para a sobrevivência dessas pessoas, na forma que eram tratados, para então compreendermos os motivos que levavam as suas fugas. A ideia de conseguir existir por meio dos quilombos, para esses negros, já era resistir. Edison Carneiro fala, em dado momento, que o interesse em Palmares não estaria ligado a recuperação dos negros fugidos e sim na “conquista de novas terras” (CARNEIRO, 1958, p. 19) e que também “Era voz corrente que as terras dos Palmares eram as melhores de toda a capitania de Pernambuco.” (CARNEIRO, 1958, p. 19). Partindo dessas

colocações, podemos dizer que toda a guerra feita por Palmares era uma luta por riqueza e poder, onde os negros eram parte do “mal” que deveria ser cortado pela raiz.

A luta quilombola marcou todo um povo, que por meio dela fazia claro que não aceitariam de forma pacífica o tratamento odioso e perverso que era direcionado a eles. E a figura do quilombo, trazia para eles a solidificação dos ideais que permitiam a perpetuação da ideia de liberdade, tão almejada pelos negros:

O quilombo foi, portanto, um acontecimento singular na vida nacional, seja qual for o ângulo por que o encaremos. Como forma de luta contra a escravidão, como estabelecimento humano, como organização social, como reafirmação dos valores das culturas africanas, sob todos estes aspectos o quilombo revela-se como um fato novo, único, peculiar, - uma síntese dialética. Movimento contra o estilo de vida que os brancos lhe queriam impor, o quilombo mantinha a sua independência à custa de lavouras que os ex-escravos haviam aprendido com os seus senhores e as defendiam, quando necessário, com as armas de fogo dos brancos e os arcos e flechas dos índios. (CARNEIRO, 1958, p. 24).

É possível considerar, então, que o peso do quilombo estaria não apenas em ser o lar de negros que fugiam, mas, pelo valor que existia naquelas terras e a representação simbólica que teria o crescimento de Palmares diante dos olhos de todos. O quilombo poderia representar para os negros um pouco de sua terra, de onde foram retirados. Seria uma construção possível para sobreviver, guardando um pouco da cultura que foram obrigados a abandonar.

Contemporaneamente esses espaços foram relidos em novas vertentes quilombolas, que permanecem como força significativa na atenuação das discrepâncias sociais e raciais do país, possuindo uma imagem simbólica da resistência negra, que tanto influencia na educação, como também interage com outras práticas sociais. (FONSÊCA, SILVA, 2020, p. 246).

Este símbolo serve-nos hoje como ponto de reflexão para a construção de uma sociedade que busque equidade, reconhecendo as lutas pelas quais passaram a população negra em nosso país. Para fazer uso desse símbolo e de tantos outros, é necessário o retorno ao passado, a partir do estudo da história da nossa construção.

REFERÊNCIAS:

ENNES, Ernesto. **AS GUERRAS NOS PALMARES**: subsídios para a sua história. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

GOMES, Flávio (Org.). **MOCAMBOS DE PALMARES**: histórias e fontes (séculos XVI-XIX). Rio de Janeiro: 7letras, 2010. Pp. 265 e 266.

REFERÊNCIAS:

CARNEIRO, Edison. **O QUILOMBO DOS PALMARES**. 2. ed. São Paulo: São Paulo Editora S/A, 1958. (5).

DONATO, Hernâni. **Dicionário das batalhas brasileiras**: dos conflitos indígenas as guerrilhas urbanas e rurais. São Paulo: Ibrasa, 1987. 542 p.

FONSÊCA, H. J.; SILVA, Z. P. QUILOMBOS: escravidão e resistência. **ODEERE**, [S. l.], v. 5, n. 9, p. 234-250, 2020. DOI: 10.22481/odeere.v5i9.6573. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/6573>. Acesso em: 12 nov. 2023.

FUNARI, Pedro Paulo; CARVALHO, Aline Vieira de. **Palmares**, ontem e hoje. Introdução. 1º edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 7-13

GOMES, Flávio. **Palmares**: Escravidão e liberdade no Atlântico Sul. São Paulo: Contexto, 2005.

MATTOS, Regiane. **História e cultura afro-brasileira**. São Paulo : Editora Contexto, 2012.

NOVAIS, Fernando. **Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial(1777-1808)**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1989. 393 p. Disponível em: <https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/02/novais-fernando-portugal-e-brasil-na-crise-do-antigo-sistema-colonial-1777-1808.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2023. (observar a recomendação N° 2)